

---

## O ABRAÇO SEM PERDÃO E OUTROS SÍMBOLOS EM LYGIA BOJUNGA

---

Vanusa de Queiróz Coêlho<sup>1</sup>  
Márcia Maria de Melo Araújo<sup>2</sup>

**Resumo:** Embora tratando de temas polêmicos, como estupro e morte, *O abraço* (1995 [2017]), de Lygia Bojunga, apresenta símbolos oníricos, cores e *mis en abyme*, ou seja, o espelhamento de contos literários encenados pelas próprias personagens que contribuem para que o leitor obtenha uma consciência mais madura de suas emoções. As formas de abraço apresentadas no enredo como, por exemplo, o abraço da amizade, o abraço do medo, o abraço de brincar, o abraço da saudade, o abraço da morte, o abraço sem perdão, entre outras, podem levar ao esclarecimento, à denúncia social e ao autoconhecimento. Assim, o objetivo deste texto é refletir sobre elementos oníricos e simbólicos, por meio de estudos e análises das obras *O Homem e seus Símbolos* de Carl Gustav Jung (2016) e *Dicionário de símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2021). Observamos, na narrativa de Lygia Bojunga, elementos oníricos complexos e ambivalentes que podem estimular a imaginação e, ao mesmo tempo, exteriorizar processos interiores e os tornar compreensíveis tal como representados pelas personagens e por seus incidentes.

**Palavras-chave:** Elementos oníricos e simbólicos. Literatura. Lygia Bojunga.

**Abstract:** Although dealing with controversial themes such as rape and death, *O Abraço* (1995 [2017]), by Lygia Bojunga, presents dream symbols, colors and *mis en abyme*, that is, the mirroring of literary tales staged by the very characters who contribute to the reader obtains a more mature awareness of their emotions. The forms of hug presented in the plot, for example, hug of friendship, hug of fear, hug of play, hug of longing, hug of death, hug without forgiveness, among others, can lead to clarification, to social denunciation and self-knowledge. Thus, the objective of this essay is to reflect on oneiric and symbolic elements, through studies and analysis of the works *The Man and His Symbols* by Carl Gustav Jung (2016) and *Dictionary of Symbols*, by Jean Chevalier and Alain Gheerbrant (2021). We observe, in Lygia Bojunga's narrative, complex and ambivalent oneiric elements that can stimulate the imagination and, at the same time, externalize interior processes and make them understandable as represented by the characters and their incidents.

**Keywords:** Oneiric and symbolic elements. Literature. Lygia Bojunga.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) da Universidade Estadual de Goiás. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP). E-mail: vanusaqueiroz1@hotmail.com.

<sup>2</sup> Pós-doutora pelo Programa de Pós-doutorado no Exterior da CAPES, sob supervisão da professora catedrática Doutora Maria Laura Bettencourt Pires do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP). E-mail: marcia.araujo@ueg.br.

## INTRODUÇÃO

Este estudo objetiva refletir sobre a narrativa da obra *O abraço* (1995 [2017]), de Lygia Bojunga Nunes, escritora de literatura infantil e juvenil que traz à tona temas polêmicos como estupro e morte. Apesar de o contexto ser tratado de forma cuidadosa, acreditamos que esta narrativa seja indicada para o público juvenil adulto, pois requer certa experiência e maturidade por parte do leitor para o tratamento do assunto. A ficção *O abraço* retrata a amarga experiência sexual de Cristina aos oito anos, que vem à tona onze anos depois por meio de sonhos e devaneios da protagonista. Para tanto, a narrativa emocionante e intrigante usa elementos fantasiosos e simbólicos para a denúncia de um crime que não tem perdão.

Partimos do pressuposto de que a presença de símbolos oníricos, cores e *mis en abyme*, ou seja, o espelhamento de contos literários encenados pelas próprias personagens, contribui para que o leitor obtenha uma consciência mais madura de suas emoções. Optamos pela pesquisa qualitativa com o objetivo de compreender como Lygia Bojunga Nunes utiliza várias formas de abraço apresentadas no enredo, como, por exemplo: abraço de feliz aniversário, de feliz Ano Novo, de amor, de tempos de chuva, de domingo, de escuro e de abraço sem perdão, para levar ao esclarecimento, à denúncia social e ao autoconhecimento.

Adotaremos, como perspectiva teórica, reflexões sobre elementos oníricos e simbólicos por meio de estudos e análises das obras: *O Homem e seus Símbolos* de Carl Gustav Jung (2016) e *Dicionário de símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2021). Observamos na narrativa de Lygia Bojunga elementos oníricos complexos e ambivalentes que podem estimular a imaginação e, ao mesmo tempo, exteriorizar processos interiores e os tornar compreensíveis, tal como representados pelas personagens e por seus incidentes.

### **O DESVENDAR DE UM ABRAÇO: o abraço sem perdão e outros símbolos em Lygia Bojunga Nunes**

A ficção *O abraço* é narrada na primeira pessoa, em que a protagonista Cristina, aos 19 anos, retrata a história perturbada de sua vida desde a infância. Na narrativa, os espaços são: a casa de Cristina, a fazenda de um amigo do seu pai em Minas Gerais, alguns locais de festas e um circo. Já o tempo é um circunlóquio do presente para o passado, narrado pela protagonista, sem detalhes cronológicos, a maioria das cenas ocorrem à noite, no escuro e

com várias digressões. A narração ocorre de forma livre, despojada de formalismos e dialogada com o leitor; entrecortada pelos deslocamentos característicos de uma memória traumática, apontando confusões de sentimentos da narradora, endireitando uma atmosfera aborrecida. Ao longo da ficção, a narradora usa de recursos para evitar a palavra “estupro”, e caminha para um abrandamento ou preparação para contar o acontecido. Em determinado momento, a narrativa parece direcionar para a autora do conto o abraço:

O Jorge é um amigo que eu tenho, quando ele me chamou pra eu ir à festa, ele me garantiu que eu ia curtir: era uma festa diferente: cada grupo de convidados se vestia de acordo com os personagens de um conto de literatura brasileira. [...] O Jorge escolheu aquele teu conto *O Abraço* e nem ligou quando eu avisei que era pior que péssima pra essas coisas. (BOJUNGA, 2017, p. 9).

A narrativa evidencia que a jovem Cristina quase não saía de casa e andava meio abatida: “Ando, ando enfurnada, sim; ando num parafuso medonho. Acabei aceitando o convite, achei que a festa ia me distrair” (BOJUNGA, 2017, p. 11). A citação acima configura o uso da linguagem coloquial, bem acessível ao público juvenil.

Ao chegar à festa, quando o grupo de Cristina estava terminando a apresentação do conto *O Abraço*, surpreenderam-se com uma mulher misteriosa que reclamava a falta de um personagem no conto: “a morte”, e se propôs a fazer o papel desta: “Ela estava disfarçada que nem as mulheres da Veneza antiga disfarçavam quando iam a certas festas: aquela máscara branca muito estranha, aquele chapéu preto de três pontas, o véu de renda” [...] (BOJUNGA, 2017, p.12)

Para o *Dicionário dos símbolos* (LEXIKOM, 1997, p. 165), a cor preta não é colorida, é análoga ao branco e quase sempre expressa ausência de vida, o indiferente, a morte. O véu e a máscara preta que a personagem usava também apresentam significações semelhantes e, segundo o *Dicionário dos símbolos* de Jean Chevalier e Alan Gheerbrant (2021), o “véu, pode ser aquilo que revela, que convida ao conhecimento” (CHEVALLIER, 2021, p. 1037). As máscaras também apresentam uma função social, uma vez que “revestem de um poder mágico; servem aos membros das sociedades secretas para impor sua vontade assustando” (CHEVALLIER; GHEERBRANT, 2021, p. 668).

– Fazer a morte assim? – Jorge perguntou – com essa roupa veneziana? Mas a mulher nem se alterou: – O guarda-roupa da Morte é vastíssimo; ela usa as vestimentas mais inesperadas, se disfarça de tudo que a imaginação pode inventar. (BOJUNGA, 2017, p. 13).

Percebemos que a personagem “Morte”, retratada em letra maiúscula no decorrer da narrativa, apresentava-se como mulher misteriosa, sedutora, instigante e segura de si. Tomemos como exemplo a fala da narradora protagonista:

E foi ai que tudo começou, quer dizer, foi na hora que ela fez a cena da Morte (o nosso grupo se limitou a cortar as cenas, mas ela, não: ela (fez), foi nessa hora que eu comecei a me sentir completamente fascinada pela Mulher. [...] Mas eu não conseguia tirar o olho da mulher, onde ela ia, eu ia atrás. Ela não conversava com ninguém; escondida naquela máscara, ela deslizava de sala pra sala, numa solidão que só vendo. (BOJUNGA, 2017, p. 13; 15).

Cristina se sente atraída, curiosa e preocupada com o mistério da mulher que também demonstrava contradições: “– Essa vestimenta, esse contraste assim tão forte do preto e branco me fascina mesmo” (BOJUNGA, 2017, p. 16). Além disso, mostra-se muito curiosa em conhecer melhor aquela mulher, começa a fazer perguntas que tiveram como resposta um abraço:

– Mas hein? A gente já tinha se encontrado antes? – Muitas vezes. A gente brincou junta quando era criança. – Disse isso e me abraçou. [...] As luzes se apagaram. O abraço se acabou. E eu fiquei ali paralisada: o abraço era o mesmo! o abraço era o mesmo que a Clarice tinha me dado. (BOJUNGA, 2017, p. 18).

Clarice era uma amiga de infância de Cristina que havia desaparecido aos sete anos de idade numa praia em São Pedro da Aldeia. As perturbações sofridas pela narradora são evidenciadas pelo constante uso de antíteses: claro, escuro; preto, branco; mansa, forte; depressa, devagar; puxou, parei; sombra, sol; preso, solto. É possível observar que até as cenas do sonho de Cristina são contraditórias, perturbadoras: “Parou uma brisa que tinha no ar; nem folha, nem flor se mexia mais. No rio a água também foi parando [...] a brisa voltou, a flor balançou, a água correu” (BOJUNGA, 2017, p. 42).

No momento em que Cristina, aos oito anos de idade, numa fazenda do amigo de seu pai em Minas Gerais, depara-se com um desconhecido às margens do rio, evidencia características comuns a várias pessoas, dando a entender que gente maldosa não é identificada por aparência física e que se faz necessário ter muito cuidado.

O Homem da água estava me olhando com força. Podia ter uns trinta anos. A cara era muito atraente (será que foi por isso que no princípio eu não assustei?), e ele ficou me olhando daquele jeito. Sem dizer nada. Mas a mão não querendo me largar. Ele estava vestido do jeito que milhões de homens se vestem, mas, naquele lugar, era um jeito tão estranho! Terno azul marinho, camisa de colarinho e gravata

cinzenta, imagina, e tudo bem velho e surrado, o terno, a camisa, a gravata. [...] Aí ele tirou do bolso do paletó uma caixa de fósforos. Empurrou ela devagar com o dedo, a caixa deslizou para fora. Eu olhei. Dentro da caixa tinha um pedaço de cabelo amarrado com uma fita vermelha. (BOJUNGA, 2017, p. 25-26).

A cor Azul, para o *Dicionário dos símbolos* (LEXIKON, 1997, p. 30), representa a cor da imensidão, da água, luta entre céu e terra, perda da lucidez. Já a cor cinza da gravata do estranho representa a cor dos espíritos e das almas errantes, a cor dos sentimentos sombrios, do vazio, da solidão e das adversidades, do arrependimento, da morte (LEXIKON, 1997, p. 58). Em muitas culturas, o cabelo representa o símbolo da força ou pode representar a própria pessoa, sendo utilizado em determinadas práticas ocultas (LEXIKON, 1997, p. 40). Para Chevalier e Gheerbrant (2021), representa um vínculo que pode conceber a pessoa pertencente do cabelo mesmo após a morte, símbolo espiritual, virtude, relação íntima simpatia (CHEVALLIER; GHEERBRANT, 2021, p. 202).

Já a fita que prendia o cabelo dentro da caixa de fósforo, tem significado de pare, perigo, proibido. “O inferno e o diabo são vermelhos. É também a cor da guerra, do sangue da agressividade e da morte” (HELLER, 2009, p. 120).

Ao ser puxada pelo estranho para dentro da mata, em meio a claridade e escuridão, a menina oscila sentimentos de medo e contradições:

O sol sumiu. Me deu medo. Quis me fincar no chão. Ele me arrastou. Gritei. [...] Parecia que quanto mais ele me olhava, menos eu ia sabendo o que eu fazia, o que que eu sentia. [...] Às vezes eu estava com medo, outras vezes não. Mas também não demorou muito pra ter-e-não-ter-medo. (BOJUNGA, 2017, p. 27-29).

A ausência do sol incomodou a menina fazendo-a sentir medo. Para Lexikon (1997, p. 184), “o sol é um dos símbolos mais importantes, sendo venerado como um deus por muitos povos primitivos, representa a personificação da luz e da justiça”. A ausência de luz representa as trevas e pode gerar medo.

A porta se abriu, jogando um pouco de claro lá dentro. [...], mas não via mais nada o homem tinha me puxado e fechado a porta. [...] Agora eu só via o escuro. O medo cresceu, virou pânico [...] ouvi o barulho da porta trancando (era barulho de corrente de cadeado também?) e depois silêncio. [...] Consegui pedir pra ele acender a luz. – Aqui não tem luz, Clarice, isso aqui é um barraco muito ruim. [...] – eu não sou Clarice, eu sou Cristina, eu me chamo Cristina. (BOJUNGA, 2017, p. 29-30).

Segundo o *Dicionário de Símbolos* (LEXIKON, 1997, p. 164), a porta simboliza a

---

passagem de uma esfera para outra, até do domínio profano para o sagrado. Porta fechada indica, frequentemente, um segredo oculto, proibição; a porta aberta, por sua vez, representa um convite para sua travessia ou significa um segredo revelado. E a luz demarca com frequência os limites das trevas que são, por sua vez, quase sempre um símbolo do não conhecimento, do embotamento espiritual, da morte, da desgraça ou então do “mistério” (LEXIKON, 1997, p. 129).

Cristina rememora a amiga Clarice a partir desta atitude do estranho em chamá-la assim, plantando uma constante dúvida: “Desde a primeira vez que ele me chamou de Clarice, a lembrança da minha Clarice se ascendeu dentro de mim; [...] e quando eu perguntei de novo ele só disse assim: – Menina bonita feito você se chama Clarice” (BOJUNGA, 2017, p.31-32). Isso alude que aquele “Homem da Água” já havia abusado de outra(s) menina(s) que ele nomeava de Clarice.

– E foi com essa chuva chovendo lá fora que a voz dele falou assim, eu te prometo, Clarice, eu te prometo que desta vez você não vai morrer no meu abraço. E me abraçou mais forte que das outras vezes e entrou mais forte dentro de mim. (BOJUNGA, 2017, p. 33).

A metáfora desse abraço é a morte, a destruição, o fim. A menção da chuva neste momento, tem significado referente ao símbolo da fecundidade (LEXIKON, 1997, p. 56) e a referência das contradições entre claro e escuro evidencia uma certa confusão nos sentimentos de Cristina.

E no escuro que ia sempre continuando e continuando aconteceu aquele momento incrível: eu acordei e a porta estava aberta! Fiquei olhando pro claro lá fora. Um claro cada vez mais claro. Espiei pr’um lado pra outro: ninguém. Esperei. Esperei o Homem da Água entrar. Mas continuou tudo quieto. Levantei devagar fui saindo pro claro. (BOJUNGA, 2017, p. 34).

No *Dicionário dos símbolos*, Chevalier e Gheerbrant (2021, p. 638-639) apontam que a claridade representa expressão das forças fecundas, salvação, felicidade. É o contrário do escuro que representa trevas, mal, castigo, perdição e morte.

Um abraço diferente foi o que Cristina recebeu ao reencontrar a mãe: “Alguém me viu, apontou, minha mãe veio correndo, nós duas assim, correndo uma pra outra, de braço estendido, pra gente se pegar mais depressa, e como agente se abraçou!” (BOJUNGA, 2017, p. 34). Um interrogatório se segue, mas a menina só afirmava sim e continuava comendo

---

jabuticaba, a mãe chorou, teve febre, não saiu de perto da garota, os homens foram em busca do desconhecido de terno azul e gravata cinza, mas em vão. A água, para Lexikon, (1997, p. 13), “representa uma infinitude de possibilidades, elemento de união e oposições”. Aquele homem marcou a vida da menina que ficava parada olhando pro nada e quando dormia, sonhava com o Homem da Água misturado com a amiga desaparecida, Clarice, brincando de abraçar:

[...] a primeira vez que a Clarice apareceu, eu vi logo que era ela. [...] e daí para frente eu comecei a sonhar toda noite com Clarice. Uma vez, quer dizer, um sonho, no meio de um brinquedo de médico-que-não-salva-o-doente-e-o-doente-morre, eu perguntei pra ela: – você morreu no abraço que ele te deu? –Morri. [...] (BOJUNGA, 2017, p. 38).

É possível notar, por meio deste diálogo entre as amigas no sonho, que Clarice havia morrido no abraço do mesmo homem. E que um abraço pode ter vários significados, vejamos:

É sempre assim, ó, sempre assim [...] – quando ele é abraço de feliz aniversário, de feliz ano novo, de amor [...] abraço quando chove. Quando é domingo [...] escuro [...] abraço de acordar. [...] e a cada sonho que a Clarice chegava a gente inventava mais abraço. O abraço estava sempre presente, era só a gente começar a brincar que eu já dizia: chama ele. E só de olhar o jeito que ela fazia o abraço chegando, eu já sabia que era sonho de brincar de médico, que era sonho de brincar dentro d’água, que era sonho de cavar a terra para brincar de enterro (mas se era brinquedo de enterro eu avisava logo: se você já morreu é você que faz a morta). Sem abraço agente não brincava mais. (BOJUNGA, 2017, p. 39-40).

A linguagem dos símbolos, como toda linguagem, transmite e comunica experiências. Um símbolo pode ser portador de inúmeras interpretações, tal qual cada tipo de abraço representado nesta narrativa como, por exemplo: abraço de médico, abraço de dentro d’água e abraço de cavar a terra representando a morte. A morte também vem representada na forma em que Clarice surge no sonho de Cristina: “Ela vinha trazendo flores. Flores e uns panos que arrastavam no chão [...] é pra piorar o céu escureceu eu não sabia se era noite ou temporal chegando” (BOJUNGA, 2017, p. 41). Segundo Lexikon (1997), a flor “é às vezes relacionada simbolicamente com as almas dos mortos”, e a noite é o indeterminado, onde se misturam pesadelos e monstros, as ideias negras. Ela é a imagem do inconsciente, do sono, das trevas (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2021, p. 713).

Um dos grandes pensadores do século XX, Carl Gustav Jung, no livro *O Homem e seus Símbolos* (2016), fala que os sonhos são mais que casualidade, podendo estabelecer

---

comunicação com o inconsciente proporcionando ensinamentos a se próprio (JUNG, 2016, p. 10). Um dia, porém, Cristina tem um sonho diferente, com Clarice já adulta, na sua idade atual de 19 anos, onde a amiga faz uma revelação e uma conscientização muito marcante para Cristina:

– Eu só vim aqui pra te dar ele. – Foi arredondando os braços. – Nunca mais eu vou voltar pros teus sonhos, Cristina. Mas eu quero deixar ele contigo. – E aí... ela me entregou o abraço, me abraçou...comprido... e eu fiquei perplexa: eu não reconhecia ele: era um abraço estranho, era um abraço desconhecido que estava me entregando e eu não sabia de que eu ia brincar com ele. [...] – É pra te mostrar como é que ele abraça quando não esquece, quando não perdoa. E é esse o abraço que eu deixo pra ti Cristina. Pra você nunca esquecer, pra você nunca perdoar o que te aconteceu aqui neste rio. – Foi indo pra traz, sumindo no escuro, dizendo de novo e de novo, é pra você não esquecer, é pra você não perdoar, é pra você nunca esquecer... (BOJUNGA, 2017, p. 42-43).

Observamos, nesta cena, que Clarice aparece no sonho de Cristina com um propósito: mostrar o abraço sem perdão, para que a amiga nunca esqueça o ocorrido no rio, e nunca perdoar o delinquente que lhe abusara sexualmente.

Constantemente nos deparamos com situações de abuso sexual, até dentro do seio familiar, com pessoas próximas e, muitas vezes, com crianças. A pessoa abusada se isola, não aborda o assunto, não denuncia e age como se fosse algo normal chegando, às vezes, de certa forma, conviver com o criminoso para tentar ter uma vida “normal”. A literatura infantil e juvenil de Lygia Bojunga Nunes sempre remete a temas polêmicos e considerados tabus para a sociedade como: violência, crime passional, estupro, morte. Consideramos que a narrativa *O Abraço* deve ser trabalhada com o público juvenil, já que requer certa maturidade para entendimento de causa. Acreditamos que ao tratar tais assuntos, por meio da ficção e do imagético, o leitor pode se encontrar em alguma situação, exteriorizar processos interiores e conseguir se resolver e se libertar diante de tais imprevistos.

São constantes nas obras de Lygia Bojunga Nunes as temáticas de sonhos, símbolos oníricos, tal como a própria escritora afirma:

Os sonhos sempre tão presentes na minha escrita (e no meu sono) traduzem o gosto e/ou a necessidade que eu sinto de namorar com o inconsciente (quem sabe até numa tentativa disfarçada de captar um pouquinho do mistério tão atraente que ainda envolve esse nosso departamento). (SANDRONI, 1987, p. 163-164).

Reincidentemente, os sonhos nas ficções bojunguianas se apresentam como revelação

---



de algo, esclarecimento, alerta, satisfação para resolver algo ou compreender uma situação:

O inconsciente individual de quem sonha está em comunicação apenas com o sonhador e seleciona símbolos para seu propósito, com um sentido que diz respeito apenas a ele. Assim, a interpretação dos sonhos, por um analista ou pela própria pessoa que sonha, é para o psicólogo junguiano uma tarefa inteiramente pessoal e particular. (JUNG, 2016, p. 10).

Jung também manifesta que, às vezes, “os sonhos podem revelar certas situações muito antes de elas realmente acontecerem [...] os sonhos muitas vezes nos advertem; mas tantas outras parecem que não o fazem” (JUNG, 2016, p. 79).

Geralmente as pessoas tendem a pôr em dúvida a compreensão dos sonhos e os julgam supérfluos, visto que seus símbolos são incompreendidos. O próprio Jung afirma: “A maneira pela qual a inconsciente completa ou compensa o consciente varia tanto de indivíduo para indivíduo que é impossível saber até que ponto é aceitável, na verdade, haver uma classificação dos sonhos e seus símbolos” (JUNG, 2016, p. 85). Essa afirmação se deve a existência de muitos sonhos e símbolos isolados, o que torna comum o equívoco.

Cristina, após parar de sonhar com a amiga Clarice lhe alertando sobre o não perdão, passa muito tempo sem se lembrar do abraço do agressor e assim revela: “Meses depois o esquecimento era total. Feito coisa que o Homem da Água nunca tinha passado pela minha vida” (BOJUNGA, 2017, p. 44) Porém, ao receber o abraço daquela mulher, ali vestida de morte, Cristina chora muito revivendo a saudade do abraço de sua amiga Clarice da infância e revela seu segredo à mulher, que havia reencontrado o Homem da Água em um circo trabalhando de palhaço:

[...] estava de macacão vermelho, cheio de bolso e de botões; um gorro enfiado até ao olho; um colarinho branco largo, redondo, bem folgado no pescoço; [...] só aí deu pra ver direito o jeito que ele tinha pintado a cara. Um risco verde vinha do alto da testa, descendo pelo nariz, até o queixo, dividindo a cara em duas; numa a boca era fina, na outra grossa; o nariz de um lado era largo, do outro, estreito, de um lado o olho era arregalado, do outro não; numa metade o cabelo era preto e um pouco encaracolado, na outra era louro e comprido. (BOJUNGA, 2017, p. 47-48).

Chevalier e Gheerbrant (2021) tratam destas cores que ornavam o palhaço: o vermelho representa a ambivalência sendo cor da vida do sangue e da morte (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2021, p. 1030). O branco do colarinho é a cor da mortalha, de todos os aspectos, de todas as aparições; a cor – ou antes, a ausência de cor, cor das almas de outro mundo e dos fantasmas (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2021, p. 190). E a cor verde que

---

pintava seu rosto representa o despertara das águas e da vida (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2021, p. 1024). As contradições demarcadas em seu semblante, tais como fina, grossa; largo, estreito etc. identificam sua personalidade contraditória demonstrada no ato das agressões.

Quando Cristina reconhece que o palhaço do circo era o “homem da água”, a protagonista rememora seu passado na fazenda em Minas Gerais, acordando as lembranças dentro de si:

Com tanta força que doeu. Doeu! feito coisa que eu tinha levado uma pancada no peito. O rio, a cara do Homem na água, o barraco fechado, a voz falando no escuro, os sonhos. Em vez da banda tocando, de risada e de palmas, do barulho todo do circo, eu só ouvia a voz dele, eu só sentia o peso dele aqui. (BOJUNGA, 2017, p. 48).

A fantasia que a protagonista cria sobre seu agressor transcende a realidade comum, uma vez que um ser problemático e estranho possa despertar desejos aliado ao medo de uma criança, como ocorreu com Cristina na infância; uma mistura de sentimentos que são comprovados em meio às narrativas pautadas no simbolismo do claro e escuro vivido pela menina naquele lugar sombrio, onde ela às vezes não viu só escuridão. “... tá escuro, tá escuro, tá escuro. A mão dele tapou a minha boca; a voz veio chegando pra perto do meu ouvido, fechei os olhos com força, feito coisa que não vendo o escuro, não ia mais ter escuro nenhum” (BOJUNGA, 2017, p. 31). E ainda: “... e eu olhava pro colarinho, pra peruca, pras tintas, um disfarce perfeito pra nunca ninguém saber desse caminho tão escuro por onde ele andava buscando a Clarice... (BOJUNGA, 2017, p. 56).

Quando Cristina volta ao circo e conversa com o personagem fantasiado de palhaço ela fica com os olhos fechados para sentir o escuro e a presença daquele homem.

Abaixada assim feito eu estava, era fácil ficar de olho fechado, só ouvindo ele falar no escuro. E eu fiquei. A dúvida tinha acabado, mais a perturbação era cada vez maior: eu estava sentindo uma curiosidade enorme de conhecer melhor aquele homem. E pela primeira vez eu pensava nele como mulher. (BOJUNGA, 2017, p. 55).

A curiosidade de Cristina, leva-a algumas dúvidas e a querer conhecer melhor aquele homem, então ela o convida para ir em um lugar discreto para conversarem e param em um bar estranho, onde ele se mantém imobilizado e em silêncio, mas ela não, e resolve querer explorar seus desejos:

---

[...] a minha sede continuava, a minha salivagem aumentava; e o que eu ainda não tinha pensado que era eu comecei a pensar: era tesão dele.[...] E aí fui eu que agarrei ele (como é que pode não é?) e beijei. Feito eu nunca tinha beijado ninguém. Ele saiu depressa; e eu fiquei lá parada assim. Assim feito a gente fica, não é, quando está em estado de... de ...ah, sei lá que estado é esse. (BOJUNGA, 2017, p. 60-61).

Neste momento da narrativa, indagamos estes sentimentos da protagonista, um misto de curiosidade, desejo ou loucura, parecendo não conseguir discernir seus sentimentos pelo seu algoz. Mas sua angústia foi ainda maior quando descobriu que ele havia desaparecido do circo: “Fiquei alucinada. É, é! Se você quer saber a verdade, é isso: fiquei a-lu-ci-na-da” (BOJUNGA, 2017, p. 62).

Quando a estranha mulher vestida de morte escuta a história de Cristina ela se revela: “– Para com isso eu não quero ouvir mais nada. – Me abraça. – O que? – Me abraça! Me dá de volta aquele abraço que eu te dei no último sonho que você sonhou comigo. – Então você é mesmo a Clarice? (BOJUNGA, 2017, p.63). Quando Cristina abraça Clarice da forma que queria abraçar o homem do seu passado, a mulher se livra do abraço e esclarece:

– Não foi esse abraço que te dei. – Mas é que... – O abraço que te dei foi pra você não perdoar, foi pra você nunca esquecer o que ele fez contigo quando você só tinha oito anos. Não é porque você só tinha oito anos, não. Podia ter dez, vinte, cinquenta, cem, não importa é que não existe perdão pra quem arromba o corpo da gente. [...] – E você vai e transforma o abraço do não perdão num abraço de tesão: você é mesmo uma infeliz, você merece o pior.[...] – È por causa de gente feito você gente que não tem memória, que perdoa fácil que esse crime continua sem o castigo que merece. (BOJUNGA, 2017, p. 64).

Michel Foucault, em sua conferência: O corpo utópico, fala que o nosso corpo é um pertencer que não podemos escapar, é o nosso lugar e sem ele não movemos nem removemos; podemos ir ao fim do mundo, encolhermos e escondermos que ele estará conosco: “Estará aqui, irreparavelmente, jamais em outro lugar. Meu corpo é o contrário de uma utopia, e o que jamais se encontra sob outro céu, lugar absoluto, pequeno fragmento de espaço com o qual, no sentido estrito, faço corpo” (FOUCAULT, 2013, p. 7).

Diante da curiosidade de Cristina em saber se a mulher mascarada era sua antiga amiga Clarice, a resposta vem em forma de ensinamentos:

– Ô meu deus! mas que diferença faz se eu sou a Clarice-tua-amiga-de-infância-que-um-dia-saiu-de-casa-e-nunca-mais- voltou, ou se eu sou a Clarice-que-se-fingiu-de-morte, ou se a Clarice-que-botou-a-boca no mundo, ou se Clarice-que-morreu-numa-gravata-cinzenta ou as mil outras Clarices que eu posso te contar [...] – o que

importa é você e todos que calam, que perdoam, que esquecem um crime assim. (BOJUNGA, 2017, p. 68-69).

Notamos que a narrativa deixa evidente a seriedade desse crime, que acontece com dez, cem, mil histórias feito as várias Clarices deste mundo, atingindo profundamente a dignidade humana, feito homicídio, pobreza e outros crimes sem perdão. A mulher mascarada sem identidade definida que aparece para Cristina, na festa de encenação teatral de contos literários, pode estar representando estas vítimas de violência doméstica, de agressões. Mulheres que tiveram, têm e terão seus corpos violentados. Mulheres de todos os lugares, de todas as idades, de todas as cores e de todas as representações. Mulheres que não denunciam, ou retiram queixas embora tenham sofrido abuso naquilo que é mais seu: sua morada, seu templo sagrado, seu imaginário, seu instrumento de trabalho para o pão diário, para sua realização pessoal. Mesmo em meio a vários exemplos e conselhos, Cristina afirma:

Muito devagarinho, eu comecei a me dar conta do horror que foi. [...] só que parece que não está adiantando: eu continuo obcecada por ele. Pelo Homem da Água. E por ela também: não paro de querer saber mais daquela mulher. (BOJUNGA, 2017, p. 70).

A curiosidade e o sentimentalismo de Cristina para com o homem da água pode ser explicado pela “Síndrome de Estocolmo”, considerada uma doença psicológica aleatória, em que a pessoa abusada ou intimidada, passa a ter afeição, apego pelo seu agressor; traço de caráter masoquista. Estes processos psíquicos inconscientes entre vítima/agressor, tendem a se repetirem. Mas aqui não entraremos neste estudo, pois a narrativa se interessa em buscar esclarecer e denunciar o que vem a ser um crime sem perdão.

No extremo da narrativa, Cristina recebe um telefonema da mulher misteriosa convidando-a para encenar um conto da literatura universal em que deveria ir mascarada representar com ela e mais uma pessoa, numa festa. Em certo momento, Cristina tem uma premonição de que algo ruim vai lhe acontecer e liga para alguém ir até a sua casa e ela, então, revela toda sua história: “É, É! Uma premonição. Intuí que ia acontecer uma coisa horrível comigo na festa. Já mais pro fim da tarde eu estava numa angústia tão grande...” (BOJUNGA, 2017, p. 72).

E, nestes momentos finais, a narrativa passa para outra pessoa: “Mas no caminho a Cristina foi ficando quieta, cada vez mais quieta. Se eu falava, eu via que ela não estava prestando atenção; se eu perguntava, ela respondia com um sim ou com um não. Ou então só dava os ombros; as vezes nem isso” (BOJUNGA, 2017, p. 75).

---

Ao chegar ao endereço, casa com pouca luz e bem próximo da mata, Clarice ao descer do carro, agradeceu, e afirmou que estava sentindo bem por desabafar seu pedaço de vida; que ela agora poderia ser personagem de uma história e se apressou a entrar para o abraço da mulher de chapéu preto e branco que já esperava na porta. Trocaram algumas palavras e foram ensaiar no jardim conforme a cena:

– Você disse que ia tirar a máscara para a gente ensaiar. Sem dizer uma palavra a mulher chegou perto de Cristina e esticou o pescoço. [...] – Clarice eu não estou conseguindo, me ajuda. A mulher imóvel. Mas, de repente a mulher avisou: Olha ele aí chegando o outro personagem do nosso conto. Cristina se virou, ficou paralisada de susto: era um palhaço de circo; o macacão o colarinho, a peruca, tudo igual ao palhaço dela. Será possível que... será que era ele? (BOJUNGA, 2017, p. 79-80).

Foucault, em sua conferência “O corpo utópico”, fala da linguagem enigmática e representativa das máscaras, tatuagens e pinturas corporais. Elas apresentam linguagem cifrada e secreta que chama para este corpo o sagrado ou o profano.

A máscara, a tatuagem, a pintura instalam o corpo em outro espaço, fazem-no entrar em um lugar que não tem lugar diretamente no mundo, fazem deste corpo um fragmento de espaço imaginário que se comunicara com o universo das divindades ou com o universo do outro. Por ele, seremos tornados pelos deuses ou seremos tornados pela pessoa que acabamos de seduzir. De todo modo, a máscara, a tatuagem, a pintura são operações pelas quais o corpo é arrancado de seu espaço próprio e projetado em um espaço outro. (FOUCAULT, 2013, p. 12).

Vemos que Clarice busca um abraço na mulher mascarada que evita o mesmo e já a conduz ao ensaio no jardim. Uma mulher mascarada sem identidade própria pode estar representando a vingança, a alerta, a denúncia de tantas vidas limitadas ou impossibilitadas de construir sua identidade com a própria autoria subjetiva, porque tiveram seus corpos violados.

O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino. Meu corpo é como a Cidade do Sol, não tem lugar, mas é dele que saem e se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos. (FOUCAULT, 2013, p. 14).

E na cena que encerra a ficção, tal qual começa, com *mis en abyme*, ou seja, o espelhamento de contos literários encenados pelas próprias personagens, um verdadeiro

---

drama acontece, deixando suspense o fim da trama, mas não a evidência de uma conscientização capaz de amadurecer emoções, esclarecer e denunciar um crime sem perdão, em forma de abraços.

A mão do homem pula na boca de Cristina pro bolso do macacão. O jardim já vai se desmanchando na escuridão, mas Cristina ainda vê uma gravata (cinzenta?) saindo do bolso vermelho. Quer gritar de novo, mas a gravata cala a boca do grito, e já não adianta o pé querer se fincar no chão e mão fugir: O homem domina Cristina e a mão dele vai puxando, o joelho vai castigando, o corpo todinho dele vai pressionando Cristina pra mata. Derruba ela no chão. Monta nela. O escuro toma conta de tudo. O Homem aperta a gravata na mão feito uma rédea. Com a outra mão vai arrancando, vai rasgando, se livrando de tudo que é pano no caminho. Agora o homem é todo musculo. Crescendo. Só afrouxa a rédea depois do gozo. Cristina mal consegue tomar folego: já sente a gravata solavancando pro pescoço e se enroscando num nó. Que aperta. Aperta mais. Mais. (BOJUNGA, 2017, p.81-82).

A morte de Cristina pode ficar evidenciada pela sua intuição em não ir a festa, bem como por meio de algumas fala da mulher estranha ou mascarada (suposta Clarice ou, talvez, justiceira representante de mulheres violadas) que apontou que Cristina era uma infeliz, pois havia trocado o abraço do não perdão num abraço de tesão, que era cúmplice de um crime e que ela merecia o pior.

As últimas palavras da protagonista para a pessoa que a levou a festa também se referem a *mis en abyme* e morte: “– vê lá se você vai acabar que nem eu, hein? –? – Achando que eu sou tua personagem e me botando numa história com princípio, meio e fim” (BOJUNGA, 2017, p. 77).

A escritora Lygia Bojunga, no final desta ficção, no espaço de diálogo com o leitor intitulado: “Pra você que me lê”, fala de sua relação com a morte e o motivo pelo qual ela sempre esteve em seus livros: “– Porque a gente se conhece desde pequena. – Porque ela me visita sempre. – Porque eu já briguei muito com ela. – Porque um dia me salvou...porque gente pequena, boneca e cachorro também morre” (BOJUNGA, 2017, p. 86-87).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ficção *O abraço* é um circunlóquio que começa na primeira pessoa, onde a narradora protagonista aos 19 anos conta sua história de infância e termina da mesma forma com a mesma frase, desabafando o que não dava mais para ficar escondido. Tal qual o crime sem perdão, não pode ficar omissos.

Embora tratando de temas tão delicados, como estupro e morte, a forma que a narrativa é conduzida, com símbolos oníricos, simbolismo das cores, e *mis en abyme*, ou seja, o espelhamento de contos literários encenados pelas próprias personagens, contribuem para que o leitor obtenha uma consciência mais madura de suas emoções além de exteriorizar processos interiores e os tornar compreensíveis tal como representados pelas personagens e por seus acasos, como as diversas formas de abraços apresentadas no enredo.

Cristina é a protagonista solitária, que perdeu a amiga Clarice, padecia por essa ausência e ao sofrer abuso sexual aos oito anos; no escuro das noites solitárias, sua companhia era aniquilar-se nos abraços de saudade e dor. O que levou a menina a criar curiosidades em busca do passado; onde em vez de desprezo pelo agressor ela se deixa extinguir em função de seus desejos, quando mulher.

A personagem Clarice, representa de forma sensível a dor e os traumas de várias mulheres, crianças, jovens e senhoras, abusadas, violadas; deixando uma mensagem de conscientização social. Nos sonhos, Clarice trazia vários abraços para brincar, metáforas de violência, onde começa por um abraço. Os sonhos vinham como representação simbólica para o esclarecimento, reminiscências, no entanto o que era sério, afigurou a uma brincadeira feliz, acentuando ainda mais o que alimentava a vontade cega, latente da protagonista; sendo o abraço do não perdão em vão.

Na literatura destinada a crianças e jovens, circunstâncias assinaladas pela violência e pela morte são frequentes, mas em *O Abraço* a representação da morte enquanto personagem mostra-se importante, pois a misteriosa mulher mascarada surge se como uma justiceira, conselheira. O fato de a personagem misteriosa, conscientizar, alertar, e dar o abraço do não perdão a Cristina e ela não adquirir noção da situação, a leva a um castigo, que se entende ser a morte. Esta narrativa retrata o universo familiar, a importância do diálogo habitual em família, trata temas sociais, a brutalidade, o sofrimento, a morte, a sexualidade.

Queremos aqui abraçar vocês leitores citando um dos mais impactantes trechos desse livro que conclui todo relato a respeito da obra. Lygia Bojunga Nunes, no espaço intitulado “pra você que me lê”, afirma: “Não vou te falar aqui do crime que não tem perdão. Acho que a narrativa de *O abraço*, é tão explícita e veemente que qualquer outra consideração sobre este tipo de crime transbordaria o copo...” (BOJUNGA, 2017, p. 97-98).

## Referências

- BOJUNGA, Lygia. **O abraço**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Casa Lygia Bojunga, 2017.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico / As heterotopias**. 1 ed. São Paulo 2013. Título original: Les corps utopique.
- HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009.
- JUNG, Carl. G. **O homem e seus símbolos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Haper Collins, 2016. Edição de Kindle.
- LEXIKON, Herder. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- SANDRONI, Laura. **De Lobato a Lygia Bojunga: as renações renovadas**. Rio de Janeiro: Agir, 1987. Edição do Kindle